

# **CONECTANDO PALAVRA E REALIDADE: "ÁGUA IDEAL" COMO MOBILIZAÇÃO SOCIAL E AMBIENTAL NOS VERSOS DE PEDRO CASALDÁLIGA**

CONNECTING WORD AND REALITY: "IDEAL WATER" AS SOCIAL AND ENVIRONMENTAL MOBILIZATION IN THE VERSES OF PEDRO CASALDÁLIGA

**Cristiano Mendes Majewski**



Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

## RESUMO

A poesia de Pedro Casaldáliga é estudada no campo literário, especialmente na poesia engajada e social. O poema "Água ideal" se destaca, com narrativa densa, simbolismos e reflexões sobre a importância da água para humanos e meio ambiente. A análise revela aspectos estéticos, históricos, sociais e ambientais. Abordagem crítica evidencia camadas de significado, conectando-se a estudos contemporâneos como Antropoceno e Colonialidade. Permite também a imersão na complexidade do poema, mostrando sua relação com a sociedade e natureza. Assim, este artigo pretende ampliar os estudos sobre a poesia de Pedro Casaldáliga, destacando sua relevância artística, social, ambiental e mobilizadora perante desafios urgentes.

## PALAVRAS-CHAVE

Pedro Casaldáliga. Poesia engajada. Antropoceno. Colonialidade.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

## DATAS:

- Recebido: 05/09/2023
- Aprovado: 23/12/2023
- Publicado: 29/12/2023

## COMO CITAR:

Colar do site

## ABSTRACT

Pedro Casaldáliga's poetry is studied in the literary field, especially in engaged and social poetry. The poem "Ideal

"Water" stands out, with its dense narrative, symbolism, and reflections on the importance of water for humans and the environment. The analysis reveals aesthetic, historical, social, and environmental aspects. A critical approach highlights layers of meaning, connecting to contemporary studies like the Anthropocene and Coloniality. It also allows for immersion into the poem's complexity, revealing its relationship with society and nature. Thus, this article aims to expand the studies on Pedro Casaldáliga's poetry, highlighting its artistic, social, environmental relevance, and its mobilizing power in the face of urgent challenges.

#### KEYWORDS

Pedro Casaldáliga. Engaged poetry. Anthropocene. Coloniality.

## 1 INTRODUÇÃO

A obra do poeta e bispo Pedro Casaldáliga (1928-2020) tem sido objeto de estudo e apreciação no campo dos estudos literários, especialmente no âmbito da poesia engajada e da poesia de cunho social. Nesse contexto, destaca-se o poema “Água ideal” (Casaldáliga, 2022), que apresenta uma densa narrativa poética permeada de simbolismos e reflexões sobre a essência e importância da água na vida humana e no meio ambiente. Através de uma abordagem crítica e contextualizada da poesia, é possível compreender as múltiplas camadas de significado que envolvem o poema e as conexões que estabelece com as questões contemporâneas.

Neste artigo, realizado sob a perspectiva comparatista, busca-se aprofundar a compreensão do poema “Água ideal” de Pedro Casaldáliga, investigando os elementos simbólicos, as referências históricas e as reflexões socioambientais presentes na obra, na tentativa de esclarecer de que maneira a poesia de Casaldáliga atinge seus objetivos poéticos. De maneira que, ao analisá-la é fundamental considerar não apenas os aspectos estéticos e literários, mas também as implicações que a circundam. Ademais, o poeta, conhecido por sua atuação como defensor dos direitos humanos e da justiça social, busca por meio de sua escrita conscientizar e sensibilizar o leitor para as questões sociais e ambientais urgentes, utilizando-se da palavra como ferramenta de transformação e engajamento.

Por isso, adotamos uma abordagem crítica embasada nos estudos de perspectiva comparatista, destacando a relevância artística, social e ambiental de sua obra, bem como sua capacidade de mobilização e conscientização diante dos desafios contemporâneos relacionados à água, à sustentabilidade, apoiados em alguns estudos do Antropoceno e da Colonialidade.

A análise do poema “Água ideal” permitirá uma imersão na complexidade e profundidade da poesia de Casaldáliga, revelando as nuances de sua escrita e as

interconexões entre a palavra e a realidade social, reforçando a importância da preservação dos recursos hídricos como um desafio primordial para a humanidade. Portanto, o trabalho oferece uma investigação aprofundada e crítica da poesia em questão, ampliando o repertório casaldaliano e destacando seu papel como poeta engajado.

## 2 O HOMEM ATRAVÉS DO ESPELHO DAS ÁGUAS

No livro intitulado *Palavra unvida* (Casaldáliga, 2022), é possível vislumbrar uma parte da vida interior do bispo-poeta, destacando-se principalmente questões relacionadas à religiosidade e seu compromisso com a vocação, bem como a precarização da mulher. No que concerne à organização do volume, percebe-se uma disposição dos poemas em uma ordem de gêneros, englobando sonetos, salmos de vigília, cantigas, antífonas e haicais. Não há uma organização baseada em temáticas recorrentes e, ademais, há uma diversidade de formas poéticas não fixas, sendo notável a presença do verso livre, característica comum em muitos poetas após o período do Modernismo. Tal abordagem proporciona uma experiência singular ao leitor, uma espécie de vertigem poética (Goldstein, 1994, p.37).

Um exemplo ilustrativo desse panorama pode ser observado no poema intitulado “Água ideal”. Nesta obra, tal poema é apresentado ao final da seção que aborda a religiosidade, sendo precedido apenas pelo poema “Paisagem” como uma espécie de interrupção, um aviso ao leitor que conduz a uma nova temática e perspectiva ao final do volume, de modo a promover uma transição harmoniosa entre os conteúdos.

Consequentemente, ao percorrermos a leitura do livro, nos deparamos com essa configuração peculiar da obra, que se revela tanto na diversidade de formas poéticas adotadas quanto na disposição estratégica dos poemas,

proporcionando uma experiência estética complexa e enriquecedora. Em seguida podemos lê-lo:

### **Água ideal**

Água redonda e fechada,  
a água do poço pensa.

A água andante do rio  
é boa como uma artéria.

A do mar ... está muito longe  
para a sede da terra.

A correnteza leva a água  
sem saber por que leva.

A fonte, em sua boca clara,  
a leva como um poeta.

... Eu busco uma água sem leite  
mas pensativa e boa.  
Profunda e próxima. E sonora.  
Senhor, a água perfeita!

Os dois bois irmãos  
sorvem pausadamente  
o sangue do ocaso.  
As bananeiras aplaudiam  
em silêncio, com suas mãos verdes  
e aveludadas.

A correnteza atacava  
as rochas como uma vaca  
de língua turva.

E a tarde  
morria dessangrada...

Na feira de teus vinhedos,  
as cascavéis douradas  
— de mel e de sol — , Setembro.

Debaixo do toldo do teu céu,  
doce domingo do ano!

A partir das premissas discutidas por Faustino (1977) acerca da perspectiva do poeta em relação a si mesmo e ao mundo, que envolve tanto a transformação interna do poeta quanto a influência exercida por meio da poesia no mundo ao seu redor, o autor de *Água ideal* apresenta-nos uma perspectiva similar ao explorar a metáfora de um poço e seu conteúdo, mapeando, através de versos, os diversos percursos que essas águas podem percorrer.

O texto aborda as distinções entre a água doce e a água salgada, as quais são tratadas como entidades coirmãs originadas da mesma Mãe Terra. Fica evidente a percepção do autor de que essas grandezas são intrinsecamente interligadas e que a irmã (representando a água doce), por estar em maior contato direto com a sociedade, sofre mais intensamente com as dificuldades decorrentes dessa convivência problemática. Não obstante, o artista ressalta a importância dessa convivência ao lembrar dos elementos naturais que se beneficiam dessa relação, mesmo em meio às turbulências. Embora o texto não se constitua como um poema épico, é possível discernir um desenvolvimento temático no tratamento da água, culminando, quase ao desfecho, em uma harmonização evidente entre o elemento líquido e os indivíduos que o cercam, independentemente de sua posição social – sejam eles humildes ou abastados, puros de coração ou corrompidos pela ganância.

Ao relacionar essa abordagem, podemos evocar a afirmação de Moisés (2012) que se aplica igualmente aos casos em que o poeta lírico descreve a natureza ou se volta para eventos históricos a fim de incorporá-los em seus versos. De acordo com o autor, mesmo nessas situações, a narrativa deve servir como uma ilustração de uma situação interior, um estado de espírito, um sentimento ou uma emoção. O detalhe descritivo ou narrativo, além de servir

como catalisador para a criação poética, acaba por adquirir nova relevância e se interiorizar por meio de um processo de associação, tornando-se, assim, parte da paisagem da alma ou da história desenvolvida na sensibilidade do poeta. Portanto, ao cotejarmos a descrição ou narrativa poética com o cenário ou narrativa que lhe serviu de inspiração, somos levados a experimentar um sentimento de estranheza: a paisagem nem sempre terá verossimilhança.

No escopo preliminar desta análise, dedicamo-nos à exploração dos termos que compõem o título do poema, com o intuito de desvelar suas implicações e significados subjacentes. Para tanto, voltamo-nos aos verbetes pertinentes presentes no Dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss, 2009), que nos fornecem um panorama lexical abrangente acerca dos conceitos de "água" e "ideal"<sup>1</sup>. Ao examinarmos esses termos, percebemos sua capacidade de conduzir, ainda que de forma introdutória, o leitor à essência do poema, ao mesmo tempo em que evitam uma abordagem essencialista, permitindo a livre e contínua reinterpretação.

Destacamos, notadamente, o verbete que descreve o substantivo "água", o qual transcende a mera definição e empreende um percurso expositivo abrangente, elucidando sua função intrínseca e sua relevância abarcante na existência e nos infortúnios do mundo. Evidencia-se, assim, a presença onipresente da água em quase todas as esferas da realidade. Importa observar, também, que tanto o verbete quanto o poema enaltecem as formas mais imponentes desse elemento, a saber, os rios e mares, conferindo-lhes um caráter majestoso.

---

<sup>1</sup> **água** s.f. (973) 1 substância (H<sub>2</sub>O) líquida e incolor, insípida e inodora, essencial para a vida da maior parte dos organismos vivos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio **2** HIDROL a parte líquida que cobre aproximadamente 70% da superfície terrestre, sob a forma de mares, lagos e rios **3** líquido que corre das árvores quando feridas ou queimadas **4** suco de certos frutos **5** qualquer secreção orgânica aquosa, como suor, saliva, lágrimas, humor, urina etc. **5.1** secreção patológica que se escoia de um órgão ou se acumula numa cavidade [...]. (HOUAIS, 2009, p.72-73)

Embora o poeta adote a perspectiva de um poço para abordar a água, é importante salientar que sua pureza e função na natureza manifestam-se em um amplo espectro de manifestações vitais e mortais. Essa representação abrangente da água coaduna-se harmonicamente com a visão exposta no verbete do dicionário, reforçando a importância e a relevância universal desse elemento.

Nesse contexto, Moisés (2012) apresenta-nos contribuição valiosa ao afirmar que a expressão poética e o conteúdo são intrinsecamente correlatos, interagindo como as duas faces de uma moeda. Ainda que em análises específicas sejam passíveis de tratamentos distintos, é inegável que a correlação subjacente entre eles permanece de forma implícita. Ao aludirmos à "expressão poética", automaticamente estamos referenciando o "conteúdo poético", haja vista que a expressão pressupõe a existência de algo a ser expresso, sendo absurdo conceber uma expressão vazia, destituída de significado. Da mesma forma, quando enfatizamos o "conteúdo poético", é imperativo considerar a "expressão poética" que o envolve, conferindo-lhe concretude e materialização.

Essa interdependência estreita entre expressão e conteúdo poético desempenha um papel de extrema relevância na apreciação e compreensão da poesia. É inadmissível uma expressão poética destituída de conteúdo, uma vez que a própria natureza da expressão implica em algo a ser comunicado e transmitido. De igual modo, o conteúdo poético somente se manifesta quando é expresso através de uma forma concreta, uma vez que não há possibilidade lógica de existirem conteúdos "puros", desvinculados de sua forma expressiva ou pensamentos desprovidos de palavras. Dessa forma, ao investigarmos os termos componentes do título do poema e a correlação intrínseca entre expressão e conteúdo poético, evidenciamos a relevância e a essencialidade desses elementos na compreensão e fruição poética. Por meio deles, é possível explorar a profunda carga simbólica associada à água, bem como a capacidade do poema de comunicar significados profundos e suscitar interpretações plurais. Ainda

segundo Houaiss (2009, p. 1042) sobre o verbete “ideal”<sup>2</sup>, podemos observar que ele lança luz sobre algumas escolhas do poeta, particularmente no que se refere às associações possíveis relacionadas a uma utópica relação ideal entre o homem e a natureza, o homem e o criador, bem como reflexões sobre o uso consciente dos recursos hídricos, essenciais para nossa sobrevivência. No próprio título, portanto, encontramos indícios de que o bispo-poeta irá propor um questionamento sobre o uso responsável da água e todas as suas implicações, estabelecendo uma ligação sagrada com esse elemento.

Nesse contexto, Dubois (2006, p. 76) sobre o sentido associativo das palavras se mostra pertinente. Segundo o autor, o sentido associativo de uma palavra é definido pelo conjunto de palavras que um indivíduo ou grupo associa a um termo quando apresentado em uma prova de associação de palavras. Essas palavras compõem a estrutura associativa do termo em questão, estabelecendo laços associativos que podem evocar diferentes significados e interpretações. Ao considerarmos a relação entre o termo “ideal” e suas possíveis associações no contexto do poema, percebemos que o sentido associativo dessa palavra contribui para a construção de significados mais amplos e complexos, enriquecendo a experiência poética. Assim, a análise do termo “ideal” e sua relação com a temática da água no poema revela a intenção do poeta de explorar a noção de um ideal a ser buscado em relação ao uso consciente dos recursos hídricos, estabelecendo um diálogo entre a esfera sagrada e a responsabilidade humana. Essa abordagem, embasada tanto na pesquisa linguística quanto nas

---

<sup>2</sup> **ideal** *adj.2g.* (1842) **1** relativo a ideia; que só existe no pensamento (*uma viagem ideal*) **2** que possui, em grau superlativo, as qualidades positivas de sua espécie ou que se ajusta exatamente a um modelo, a uma lei; perfeito (*método ideal*) *s.m.* **3** o que é objeto da nossa mais alta aspiração, alvo supremo de ambições ou afetos (*ideal de paz e harmonia*) (*não abre mão de seus ideais políticos*) **4** modelo de perfeição ou excelência (que só existe na imaginação) (*um ideal de beleza*) **5** a solução perfeita, mas com pouca probabilidade de acontecer (*o ideal seria irmos todos juntos*) [...] ver sinonímia de *modelo*; ANT *real* [...]. (HOUAIS, 2009, p.1042)

reflexões sobre a poética casaldaliana, proporciona uma perspectiva enriquecedora para a compreensão da obra.

Quanto à temática do poema em análise, podemos considerar nuances interpretativas relevantes no que diz respeito à presença e significado da água. É possível identificar duas principais abordagens que merecem destaque. Primeiramente, o poeta reflete sobre o papel fundamental da água em nossas vidas, especialmente no contexto urbano, onde ela se apresenta como um recurso indispensável para a nossa existência. Essa visão ressalta a importância da água como elemento essencial e próximo de nós. Em segundo lugar, surge uma nuance interpretativa que estabelece uma comparação entre a água e a espiritualidade humana, sobretudo nas seis primeiras estrofes do poema. Nessa perspectiva, o poeta nos convida a refletir sobre a nossa introspecção enquanto seres sensíveis e dotados de uma dimensão espiritual. Ao mesmo tempo, somos instigados a reconhecer que fazemos parte de algo maior, seja esse "algo" o vasto oceano ou uma consciência divina. Essa associação sugere uma busca pela conexão entre o eu interior e o todo que nos envolve.

Seguindo este raciocínio, Moisés (2012) discorre sobre a relação entre o eu lírico e o mundo exterior no trecho em destaque:

[...] E quando ocorre de o poeta sair do círculo do 'eu', 'os objetos do mundo exterior são apenas o esteio, o fundamento, o impulso de onde nascem os sentimentos, as emoções, as reflexões, as opiniões [...]. Ou, então, projeta-se na direção dos objetos circundantes para só ver a si próprio, aderindo a eles, ou para divisá-los como prolongamento do seu 'eu', de forma que 'todo o conteúdo do mundo se converte aqui em simples vivência interior, somente como tal vivência interior existe e é reconhecido. Não cabe dúvida que também a lírica pode acumular-se de figuras do mundo exterior, porém, se tais figuras permanecem dentro da sua fria exterioridade e não se dissolvem na vida palpitante do interior do homem, estaremos ante uma influência épica na trama lírica, influência que se perceberá claramente como tal. (Moisés, 2012, p. 191).

Podemos perceber que há relação entre o eu lírico e o mundo exterior, ressaltando que, quando o poeta se distancia do "eu" individual, os objetos ao redor se tornam o suporte e o impulso para o surgimento dos sentimentos, das emoções, das reflexões e das opiniões. Essa projeção nos objetos circundantes pode ser compreendida como uma forma de o poeta se perceber, aderindo a eles ou vendo-os como uma extensão do seu próprio "eu". No entanto, é importante observar que a lírica verdadeira não se limita apenas a figuras externas e frias, mas sim as dissolve, e de alguma forma as incorpora na vida palpitante interior do ser humano. Caso essas figuras externas se mantenham em sua exterioridade, estaremos diante de uma influência épica na trama lírica. Notamos, assim, alguns subsídios para compreendermos como o bispo-poema explora a temática da água, estabelecendo conexões com a espiritualidade humana e ressaltando a importância da vivência interior na poesia lírica.

A terceira parte do poema é conclusiva e busca estabelecer um equilíbrio entre os elementos previamente observados. Além disso, é destacada a estrutura poética do poema, composta por onze estrofes de tamanhos irregulares, com versos brancos heptassílabos e octossílabos. Sobre essa perspectiva, convém recorrermos aos estudos de Alfredo Bosi (2022, p. 369) que afirma que as inovações na linguagem literária atingem diversos aspectos, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico até as estruturas fônicas, léxicas e sintáticas do discurso. O autor destaca ainda que muitas obras, como trechos de "Macunaíma" apresentam algo novo em relação à literatura anterior a 1922, impactando a expressão artística e a sequência dos significantes. Seguindo a mesma ideia sobre novas formas literárias, Moisés (2012, p. 219) observa que na contemporaneidade prevalece a crença generalizada de que qualquer forma poética é válida, desde que o poeta consiga transmitir ideias, sensações e dialogar

com o leitor. A *intelligentzia*<sup>3</sup> moderna, herdeira do ideário romântico, acredita que não existam pressupostos rígidos e que cada poema é uma experiência única a ser analisada.

Portanto, considerando o cerne dessas ideias, é possível afirmar que a terceira parte do poema do missionário reflete, com algumas ressalvas, inovações na linguagem literária, influenciando tanto os aspectos formais quanto a expressão artística. Ao mesmo tempo, há uma valorização da liberdade poética na contemporaneidade, permitindo a experimentação de diferentes formas e soluções na busca por transmitir ideias e sensações ao leitor – ideias que, de uma forma ou de outra, vão ao encontro dos projetos de Dom Pedro Casaldáliga.

No primeiro dístico do poema (Água redonda e fechada, / a água do poço pensa.), o poeta demonstra uma postura reflexiva em relação à condição da água presente no poço. Ele destaca a facilidade com que os seres humanos podem controlar esse elemento e subjugar sua vontade, tanto para o bem quanto para o mal. Além disso, o poeta questiona o que a água pensaria se fosse capaz de se expressar. É perceptível que, ao não estar em sua forma natural, o artista faz uma alusão à introspecção desse elemento, quase personificando-o e conferindo-lhe a capacidade de pensar. Também é observado que a água se adapta e se conforma ao seu invólucro de pedra, demonstrando submissão e passividade. Nesse sentido, pode-se estabelecer um paralelo com o comportamento humano, em que o ser humano, alheio às multidões e à agitação cotidiana, busca se isolar em seu próprio "poço" para acalmar seus pensamentos e torná-los mais claros, mesmo que isso signifique se distanciar de seus semelhantes.

Na sequência dessas análises, concordamos com as afirmações de Moisés (2012, p. 68) que afirma que os elementos que compõem o mundo exterior, o plano do "não eu", só se tornam relevantes e aparecem no poema quando são

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Massaud Moisés quando se refere ao ideário romântico (MOISÉS, 2012, p. 219).

interiorizados ou quando o "eu" do poeta se projeta sobre eles. Isso implica que o "eu" do poeta está em busca de sua própria imagem, seja refletida ou projetada na superfície do mundo físico. Nesse sentido, parece que o poeta concentra sua atenção apenas nos seres e objetos que emanam de seu próprio "eu". Portanto, ao considerar as afirmações de Moisés (2012), é possível concluir que o poema revela a centralidade do "eu" do poeta, em busca de conexão íntima e pessoal com os elementos do mundo exterior. Dessa forma, os seres e coisas retratados no poema são percebidos como extensões ou reflexos do "eu" poético, sugerindo uma profunda introspecção e uma busca pela própria identidade no mundo físico.

Seguimos nossa análise para o próximo dístico (A água andante do rio/ é boa como uma artéria.) em que, novamente, reiteramos ideias de Moisés (2012) a fim de discutir sobre as significações da água e do pensamento humano. O poeta estabelece uma relação entre esses elementos através de metáforas para expressar suas ideias. Em uma primeira leitura, a água é retratada como um rio generoso, alimentando e nutrindo a terra por onde passa. Através do adjetivo "boa", o poeta evidencia a generosidade da água, comparando-a a uma artéria. Essa representação corporal evoca a imagem sanguínea do corpo Terra. Porém, há também uma mensagem implícita, especialmente quando se trata do poeta Casaldáliga, na qual a água é entendida como o pensamento humano. No verso em questão, o autor propõe que o bom pensamento é algo útil para a humanidade, capaz de impulsionar sua evolução. O adjetivo "andante" destaca a importância desse pensamento para o bem comum, representando-o como uma artéria em movimento (Moisés, 2012 p. 143).

No dístico em seguida (A do mar ... está muito longe / para a sede da terra.), o autor direciona nossa atenção para o mar, o elemento primordial da superfície terrestre, que, paradoxalmente, revela-se insalubre para o consumo humano direto. Essa contraposição entre a grandiosidade do mar e sua inacessibilidade para fins práticos destaca a importância da água como um recurso escasso e

valioso – nem todo o pensamento é puro. Além disso, o poeta manifesta uma preocupação notável com a distância, especificamente voltada para nossa região do Centro-Oeste. Ao mencionar nossas abundantes bacias hidrográficas, ele ressalta a necessidade de preservar e cuidar desse recurso vital, pois é a única fonte disponível para nosso consumo e manutenção. Dessa forma, ele apela para a responsabilidade coletiva de valorizar e proteger nossa água. Pensando na amplitude do pensamento casaldaliano, podemos ainda estabelecer uma conexão implícita com uma resistência ao pensamento global. Para Mignolo (2020) o pensamento estrangeiro não pode ser aceito como guia para ações locais, pois frequentemente desconhece ou desconsidera essas particularidades. Essa perspectiva reforça a importância de valorizar o pensamento local em detrimento do pensamento global, pois é através do entendimento das especificidades de nossa região que poderemos tomar decisões mais adequadas e sustentáveis. Portanto, a mensagem subjacente no dístico ressalta a necessidade de priorizar e proteger nossa água local (tomar consciência), reconhecendo que o pensamento global pode não ser adequado para orientar nossas ações. A partir dessa compreensão, é possível fortalecer a conscientização sobre a importância da sustentabilidade e do respeito às particularidades regionais.

Neste outro dístico (A correnteza leva a água / sem saber por que leva.) surge a possibilidade de estabelecer considerações relevantes. Em uma primeira perspectiva, percebemos a admiração do poeta pelo movimento das águas, influenciadas pelo movimento terrestre, em que ele direciona sua atenção a esse fenômeno específico. No entanto, se analisarmos implicitamente os versos à luz do contexto casaldaliano, chegamos à conclusão de que o poeta não apenas demonstra contemplação, mas também estabelece um eixo comparativo entre a água e o ser humano. Isso se deve ao fato de que muitas vezes somos arrastados pela correnteza de modismos e clichês, em uma postura que poderia ser repensada se dedicássemos um momento para reflexão, assim como um poço

convida à contemplação (Moisés, 2012). Ademais, os signos conotativos possuem múltiplos sentidos, decorrentes das implicações e associações que surgem do contexto em que estão inseridos. Um exemplo notório é o verso consagrado de Drummond: "No meio do caminho tinha uma pedra". As palavras "caminho" e "pedra" contêm significados conotativos diversos, que vão além de sua denotação literal, revelando assim a riqueza de conotações presentes na poesia. Por isso, conforme Castagnino (1971), a comparação, como uma figura de linguagem, possui um valor de imagem e uma categoria estética mais elaborada. Ela requer a confrontação entre um elemento real e outro imaginário, resultando em uma construção figurativa. Sendo assim, torna-se importante destacar a importância da comparação como um recurso que permite esclarecer e relacionar os conceitos de imagem e metáfora (Castagnino, 1971, p.271).

### **3 UM OLHAR PARA AS ÁGUAS SOB NOVA PERSPECTIVA**

No contexto do Antropoceno, em que a humanidade é reconhecida como uma "nova força telúrica" (Bogalheiro, 2021, p. 19), o ponto de vista apresentado no texto desperta uma reflexão sobre nosso entorno e levanta questões pertinentes sobre a origem e o destino das coisas que nos cercam. Conforme Bogalheiro (2021), o Antropoceno é uma era geológica marcada pelos efeitos ambientais resultantes do crescimento populacional e do desenvolvimento econômico. Essa perspectiva, amplamente divulgada após a criação do grupo de trabalho WGA (Working Group on the Anthropocene), nos leva a examinar criticamente o impacto de nossas ações em um ambiente global dominado pela atividade humana.

Essa concepção do Antropoceno revela uma dualidade paradoxal da Modernidade Ocidental, na qual, embora existam divisões estabelecidas entre natureza e cultura, meio ambiente e seres humanos, o avanço tecnocientífico

rompe com essas fronteiras (Bogalheiro, 2021, p. 19). Através desse programa civilizacional, todas as esferas interagem, expondo a hibridez, a impureza e a contaminação inerentes às interações entre humanos e não-humanos. Assim, o Antropoceno nos convida a refletir não apenas sobre nossas responsabilidades em relação ao ambiente, mas também sobre a necessidade de superar as divisões tradicionais e compreender a complexa interdependência entre todos os elementos que compõem o nosso mundo. Dessa forma, ao relacionar o ponto de vista apresentado no poema com a noção do Antropoceno, percebemos como a reflexão sobre o nosso entorno e a compreensão das interações entre natureza e cultura se tornam essenciais para lidar com os desafios ambientais e promover uma abordagem mais integrada e consciente.

Ao encerrarmos estes dísticos (A fonte, em sua boca clara, / a leva como um poeta.), seguimos o caminho percorrido pelo bispo-poeta, saindo do ambiente cotidiano e nos direcionando a um local específico: a fonte, atualmente protegida por lei. Observamos que esse dístico complementa o anterior, enfatizando um dos elementos fundamentais dessa reflexão, o poeta. Vejamos o que afirma Faustino (1977) sobre o poeta:

Há, por exemplo, o fato de o poeta esforçar-se sempre para ver a coisa objetivamente, não só quanto à independência em relação aos demais objetos da mesma categoria, como também quanto à fragmentação da própria percepção através do crivo subjetivo que se interpõe. Todos esses aspectos da percepção poética não são, contudo, exclusivos: interpenetram-se e completam-se. A característica a que neste momento me refiro pode ser exemplificada da seguinte maneira: o comum dos homens, quando percebe uma coisa, percebe-a de modo fragmentado, como que fazendo-a passar através do tamis de sua própria existência e de sua própria experiência. [...] (Faustino, 1977, p. 50).

Nessa perspectiva, é possível interpretar o poeta como a própria fonte, representada pela "boca clara", em contraposição ao movimento anterior da "correnteza" que representa o senso comum. Dessa forma, podemos concluir que

o poeta possui uma profunda consciência de seu papel na sociedade, atuando como um crítico comprometido em alertar a população sobre questões relevantes (Faustino, 1977), simbolizada pela "água corrente". Assim, assimilando as reflexões sobre a percepção poética discutidas anteriormente, percebemos que o poeta desempenha um papel essencial na conscientização e no despertar de uma consciência coletiva por meio de sua expressão intensa. Na verdade, o artista empreende um percurso que engloba tanto o aspecto denotativo quanto o conotativo, seguindo os preceitos dos grandes mestres em sua função. Ao transcender o mero significado literal, busca expandir o alcance e a profundidade de suas obras, evocando emoções e múltiplas interpretações no espectador. Nesse contexto, destacamos o pensamento de Moisés (2012, p. 171) sobre a conotação permitir que os signos linguísticos estabeleçam relações que ampliam o sentido original. Se por um lado a denotação se restringe ao aspecto objetivo, a conotação emerge como uma dimensão criativa, explorando associações e figuras de linguagem para enriquecer a expressão artística. É exatamente aqui o "local" onde o artista busca ir além da mera representação visual ou sonora e busca envolver o espectador em uma experiência estética mais profunda. Assim, ao traçar esse percurso que abrange ambos os aspectos, o artista revela-se como um agente ativo na construção de significados, ultrapassando as barreiras da linguagem convencional e estimulando a apreciação estética e o pensamento crítico do público.

Dando continuidade à nossa análise, nos debruçamos sobre uma outra estrofe. Nos seguintes versos (... Eu busco uma água sem leito / mas pensativa e boa. / Profunda e próxima. E sonora. / Senhor, a água perfeita!) temos o início em primeira pessoa evidenciando a reflexibilidade de toda a estrofe. Essa reflexão se desdobra em duas perspectivas distintas (material e espiritual), mas no último verso, por meio da vírgula indicativa de vocativo, revela-se uma alusão direta ao criador, conferindo-lhe um papel central. De acordo com Faustino (1977, p. 31), a

poesia se funde de tal maneira com o poeta que este não pode prescindir dela. A ausência da poesia tornaria o mundo escuro e confuso, resultando em sua destruição. O poeta é descrito como alguém que sente profundamente a necessidade de experimentar o universo, não apenas observando-o, mas também modificando-o com suas palavras, fazendo-o reagir diante de suas manifestações de ataque, celebração ou lamento. Dessa forma, o poema em primeira pessoa revela a profunda conexão entre o poeta e a poesia, demonstrando como ele se torna um agente ativo na criação e transformação do universo através de suas palavras. A presença da alusão direta ao criador no último verso acentua essa relação íntima e significativa, conferindo-lhe um papel central no desenvolvimento do poema. Enfim, o poeta assume sua posição reflexiva e criativa, explorando as palavras como ferramentas para compreender, expressar e transformar a realidade, oferecendo ao leitor uma experiência poética inquietante. Vale dizer que os dois primeiros versos reiteram a importância da busca por um pensamento autônomo, isto é, o primeiro revela essa aspiração, ao expressar a necessidade de um pensamento livre de influências colonizadas (sem leito), mas que seja capaz de promover a bondade e a reflexão entre aqueles que o cercam (pensativa e boa).

Essa busca por um pensamento autêntico e independente encontra ressonância nas reflexões de Walter Mignolo (2020, p. 79), que discute a percepção do período colonial como anterior à modernidade e apresenta visões alternativas propostas por intelectuais andinos. Esses pensadores questionam as imposições históricas e propõem uma nova compreensão da história, dividindo-a em períodos que vão além da dicotomia colonial/moderno. Dessa forma, ao reiterar a importância da busca por um pensamento descolonizado e autônomo, o diálogo com as ideias de Mignolo fortalece, dentro das limitações da própria expressão poética, o repertório de discussão e análise capaz de romper com paradigmas coloniais em prol de um pensamento questionador.

Ao refletirmos sobre os últimos versos ainda, é conveniente que trabalhemos com as ideias de Valério (2012) acerca da política-pastoral a partir dos critérios de um levantamento sociológico na Prelazia de São Félix do Araguaia. Segundo o autor, o estudo sobre a região de São Félix cria uma representação do sertanejo e do povo da região em geral, que servirá como base para as estratégias das políticas públicas da Igreja. Ou seja, em São Félix do Araguaia, a Igreja assume o papel de implementar as políticas públicas sob a perspectiva do povo e da geografia local (Valério, 2012, p. 219). Além disso, é importante ressaltar que essa abordagem sociológica nas políticas da Prelazia de São Félix do Araguaia traz reflexos na forma como a religiosidade é abordada. O poeta, nesse contexto, também faz uma reflexão sobre a verdadeira religiosidade, que transcende as instituições eclesiais e se manifesta de maneira profunda e próxima, independente das igrejas. Por fim, é interessante destacar que o poeta interrompe sua reflexão no terceiro verso, separando-o em duas partes por meio de um ponto final, ressaltando o momento de reflexão sobre a religiosidade verdadeira e profunda. Na verdade, a trajetória de Pedro Casaldáliga sempre esteve marcada por desafios e ações impactantes que ecoaram como genuína evangelização pacífica, representando uma proposta de mudança de atitude em meio aos perigos promovidos pelos detentores do poder em São Félix do Araguaia ao longo de sua missão pastoral no município. O bispo sempre se mostrou profundamente comprometido e próximo à sua comunidade, tornando-se uma voz de liderança inspiradora (Tavares, 2020, p. 103). Como ilustração desses desafios trouxemos o seguinte excerto:

Um desses processos foi alimentado por aquilo que hoje se chama *fake news*, difundida, na época, pela Rede Globo de Televisão. Era 7 de julho de 1975 quando a Globo veiculou notícia na qual mostrava um suposto exemplar do jornal Alvorada, editado desde 1970 pela Prelazia de São Félix do Araguaia, com um texto de inclinações comunistas, incitando o povo à luta armada. O texto, ilustrado com um desenho de uma cruz e uma foice, estaria, segundo a emissora,

assinado pelo bispo. O exemplar era falso e foi veiculado em rede nacional como verdadeiro. [...] (Tavares, 2020, p. 103).

Em um dos momentos desafiadores, Casaldáliga enfrentou um processo alimentado por aquilo que hoje é conhecido como *fake news*, propagadas na época pela Rede Globo de Televisão. Em 7 de julho de 1975, a emissora veiculou uma notícia que apresentava um suposto exemplar do jornal Alvorada, editado pela Prelazia de São Félix do Araguaia desde 1970, contendo um texto com inclinações comunistas e supostamente assinado pelo bispo. O exemplar em questão era falso, porém foi divulgado nacionalmente como sendo verdadeiro, ilustrando-o com um desenho de uma cruz e uma foice (Tavares, 2020, p. 103).

A postura questionadora continua nos próximos versos (*Os dois bois irmãos / sorvem pausadamente / o sangue do ocaso. / As bananeiras aplaudiam / em silêncio, com suas mãos verdes / e aveludadas.*), conduzindo nossa atenção para a reflexão sobre a relação dos animais com a água. Os bois, representando um grau de parentesco e pertencimento, são retratados como seres que se nutrem desse recurso vital. No entanto, o poeta ressalta a ausência de consciência em relação aos mecanismos envolvidos no fornecimento da água, evidenciada pelo uso do termo "ocaso". Além disso, a presença do advérbio "pausadamente" traz à tona uma desconfiança subjacente no ato de beber, revelando um medo latente. O emprego do substantivo "sangue" estabelece uma dualidade entre a vitalidade da vida e a violência implícita. Nota-se que os verbos utilizados nesse contexto são pouco dinâmicos e não estão intrinsecamente ligados à ação histórica, mas sim aos fenômenos naturais. Eles servem como impulso para a ação poética, mas não estabelecem uma conexão direta com a ação propriamente dita –há postura subserviente. Ora, essa subserviência encontra ressonância nos estudos de Mignolo (2020) ao mapear o processo histórico que moldou a imagem das Américas no contexto colonial da modernidade. O autor destaca a necessidade de identificar momentos, acontecimentos históricos, movimentos sociais e ideias que

influenciaram a construção dessa imagem. Esse processo histórico está intrinsecamente ligado à formação e transformação do sistema mundial colonial/moderno. É importante ressaltar que a alocação imperial de culturas e a redefinição das culturas subalternas são elementos-chave desse processo (Mignolo, 2020, p. 178). Assim, ao analisar esses diferentes aspectos sob a perspectiva de denúncia, percebemos a relevância de considerar a história como um fator central na compreensão das relações entre animais, seres humanos e meio ambiente. Enquanto a estrofe destaca a falta de consciência e compreensão histórica, os estudos da colonialidade ressaltam a importância de reconhecer e mapear o processo histórico para compreender as dinâmicas sociais e culturais que moldaram as Américas no contexto colonial da modernidade. Essa reflexão nos leva a questionar a forma como percebemos e interpretamos nosso contexto.

Podemos destacar que a abordagem de Bogalheiro (2021) sobre a transformação do meio ambiente através da atividade humana é relevante para compreender a relação implícita entre os seres humanos como agentes demiúrgicos e o grupo das "bananeiras" mencionado no poema. Essa conexão permite uma análise mais aprofundada das potenciais consequências das atividades agropecuárias. Ao reconhecer o papel dos seres humanos como agentes de mudança, somos capazes de compreender melhor como suas ações podem impactar negativamente o meio ambiente. Isso inclui a destruição de ecossistemas e a perda de biodiversidade, que são consequências indesejáveis dessas atividades. Portanto, por meio dessa conexão implícita, podemos melhor entender como as ações humanas têm o potencial de afetar negativamente o nosso ambiente natural. Através da exposição dos personagens das "bananeiras" e dos "bois" às práticas do agronegócio industrializado, a ação do capital global, a deflorestação em escala mundial, os personagens do poema também são afetados negativamente por essas atividades (Murari, 2021, p. 26; Marras, 2022, p. 251). Essa exemplificação reforça a noção de como as ações humanas podem

impactar diretamente a natureza e destacam a importância da denúncia. Ainda sobre as bananeiras, podemos perceber indícios importantes sobre a domesticação do meio ambiente. Como destacado por Murari (2021, p. 81), o conceito de Antropoceno nos convida a transcender essa perspectiva e considerar o legado humano a partir de uma nova abordagem e representa não apenas um novo sistema de conhecimento, mas também um limiar ecológico. Enquanto antes o objetivo era conquistar e domesticar a natureza, hoje enfrentamos desafios relacionados à nossa própria sobrevivência em um futuro incerto. Essa reflexão nos leva a repensar formas de habitar, regenerar e retomar a terra, como nos provoca Silva (2021, p. 207). Devemos buscar alternativas que não se baseiem em grandes empreendimentos de dominação e manipulação de uma natureza homogênea, que são demonstrações de força e domínio. No contexto das bananeiras, podemos observar que elas aplaudem, demonstrando seu interesse silencioso com suas mãos "aveludadas". Essas características revelam uma denúncia da exploração, conforme intencionado por Casaldáliga. No trecho seguinte (A correnteza atacava / as rochas como uma vaca / de língua turva), o poeta mais uma vez estabelece um contraste entre a figura dominante e a figura dominada, em consonância com os pressupostos discutidos anteriormente. O substantivo "correnteza" remete à união das forças da natureza, manifestada através do verbo "atacava". Contudo, observamos uma impotência nessa união, pois as rochas, firmemente assentadas no leito do rio, dificilmente são removidas. Essa impossibilidade de reação se evidencia no uso do substantivo "vaca", um animal gregário conhecido por sua docilidade e que culturalmente é associado ao papel de alimento. Além disso, vale destacar a imagem sugerida pelo adjetivo "turva", pois a transparência da água pode ser comprometida pela turbulência causada pela força da correnteza em contato com as pedras. Além disso, as rochas podem representar o poder estabelecido de forma injusta, tornando a água turva

(enfrentamento), mas recuperando sua clareza cristalina ao se afastarem dessas mesmas rochas, mesmo que derrotadas.

Por fim, o autor encerra o poema com um dístico seguido de um quinteto, mantendo a estrutura poética característica (E a tarde / morria dessangrada... / Na feira de teus vinhedos, / as cascavéis douradas/ — de mel e de sol — , Setembro. / Debaixo do toldo do teu céu, / doce domingo do ano!). Nesse trecho, trazemos o pensamento de Memmi (1977), que ressalta as contribuições e ensinamentos do colonizador mesmo durante a revolta do colonizado. Assim como os hábitos musculares de uma velha esposa, que, mesmo no momento do divórcio, curiosamente lembram os de seu marido. Esse paradoxo, considerado prova decisiva de sua ingratidão, revela que o colonizado reivindica e luta em nome dos valores do colonizador, utilizando suas técnicas de pensamento e métodos de luta. Portanto, ao analisar o trecho em questão à luz dessas reflexões, compreendemos que, mesmo diante das circunstâncias adversas e das relações de poder estabelecidas, o colonizado conserva elementos e valores do colonizador em sua luta (Memmi, 1977, p.112). Casaldáliga, em sua atuação, busca não apenas interceder pelos mais fragilizados pelo poder do capital, mas também desafia as estruturas dominantes ao reivindicar e utilizar as próprias ferramentas do sistema para promover a transformação e a justiça social.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise aprofundada do poema *Água ideal* de Pedro Casaldáliga revela uma relação entre ser humano e natureza, abordando a temática da água como elemento central. Ao longo das estrofes, o poeta estabelece um diálogo poético entre a água e o homem, explorando conceitos como pureza, equilíbrio e a busca por um estado ideal. O poema retrata a água como um símbolo de vida e renovação, apresentando-a como um elemento vital tanto para a natureza quanto

para a existência humana. A imagem da água límpida e cristalina evoca uma busca pela pureza, uma ânsia por um estado ideal que se perdeu ao longo do tempo. Essa imagem contrasta com a realidade atual, marcada pela poluição e exploração desenfreada dos recursos naturais, refletindo a degradação ambiental e a desconexão do ser humano com a natureza. Ao explorar essa dicotomia, o poeta estabelece uma crítica à ação humana desenfreada e à falta de cuidado com o meio ambiente. Afinal, a imagem da água idealizada remete não apenas à pureza física, mas também à harmonia e equilíbrio entre o ser humano e a natureza. O poema sugere que a busca por esse estado ideal requer uma mudança de atitude e uma conscientização sobre a importância da preservação ambiental.

Ao mesmo tempo *Água ideal* também nos remete à busca por um estado de equilíbrio social e humano, pois o poeta denuncia as desigualdades presentes na sociedade, refletindo sobre a necessidade de promover uma justiça social que garanta a igualdade. *Água ideal* torna-se, assim, uma metáfora para a construção de uma sociedade mais justa e harmoniosa. Através de uma linguagem poética densa e imagética, Casaldáliga nos convida a refletir sobre nossa relação com a natureza e a necessidade de uma mudança de paradigma, despertando a consciência para a importância da natureza e da justiça social.

---

## REFERÊNCIAS

BOGALHEIRO, M. Geoconstrutivismo e Antropoceno: da terraformação ao imaginário político da planetariedade. *In*: TORRES, S. et alii. **Literatura e arte no antropoceno** [livro eletrônico]: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021, p. 18 – 35.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 54. ed. São Paulo: Cultrix, 2022.

CASTAGNINO, R. A expressão e os acentos da intenção. *In*: CASTAGNINO, Raul. **Análise literária**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1971.

CASALDÁLIGA, P., 1928-2020. **Palavra unvida** = Palavra unvida / Pedro Casaldáliga; tradução/traducción Eric Nepomuceno; ilustrações/dibujos Cerezo Barredo. - 1. ed. -- Cuiabá, MT: Entrelinhas Editora, 2022. -- (Pedro Casaldáliga In memoriam; 1).

DUBOIS, J. et alii. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

FAUSTINO, M. Poética: diálogos de oficina. *In*: FAUSTINO, Mário. **Poesia - experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

GOLDSTEIN, N. S. **Versos, sons, ritmos**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.  
HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARRAS, S. *et alii*. A herança do dualismo modernista natureza/sociedade. *In*: MARRAS, S. *et alii*. **O Antropoceno - sobre os modos de compor os mundos**. organização Stelio Marras, Renzo Taddei Ebook - Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2022. p. 243 – 269.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1977.

MIGNOLO, W. **Histórias locais – projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2020.

MOISÉS, M. **A criação literária: poesia e prosa**. São Paulo: Cultrix, 2012.

MURARI, L. **Precariedade e Antropoceno: a crise ecológica não é um filme de ficção científica**. *In*: TORRES, Sônia. et alii. **Literatura e arte no antropoceno** [livro eletrônico]: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021, p. 81 – 93.

SILVA, F. S. e. **Cosmopolítica e Antropoceno: o risco de gaia**. *In*: TORRES, Sônia. *et alii*. **Literatura e arte no antropoceno** [livro eletrônico]: conceitos e representações. Rio de Janeiro: Makunaima, 2021, p. 200 – 217.

TAVARES, A. H. **Um bispo contra todas as cercas:** a vida e as causas de Pedro Casaldáliga. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

VALÉRIO, M. E. **Entre a cruz e a foice:** Dom Pedro Casaldáliga e a Significação Religiosa no Araguaia. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.